

Gudin confessaria a falência do Brasil, se ainda fosse ministro

Da sucursal do
RIO

O ex-ministro da Fazenda e professor, Eugênio Gudin, considerado o pai dos economistas brasileiros, disse ontem, durante as comemorações do seu 97º aniversário, que se fosse ministro atualmente "daria a mão à palmatória e confessaria a falência do Brasil", ao comentar o impasse das contas externas do País. "Desta vez os credores estão muito resistentes e os negociadores brasileiros mais cínicos, mais cara-duras", afirmou.

Lúcido, cercado por filhos, netos, bisnetos e amigos — entre eles o senador Roberto Campos — e citando nomes e datas desde o século passado até os dias atuais, Eugênio Gudin atribuiu a crise econômica-financeira do Brasil "à incompetência dos homens". Para ele, "desde o governo Juscelino o País vem sacando sobre o futuro "de maneira incrivelmente idiota, fazendo toda sorte de loucuras — a construção de Brasília e a Ferrovia do Aço, por exemplo".

PAGAR À VISTA

"É uma desgraça" — comentou o economista. "O País está desprestigiado, por causa da incompetência. A perspectiva é de que só poderemos comprar com dinheiro à vista. E não há dinheiro." Eugênio Gudin destacou que as importações de produtos essenciais ao funcionamento da economia e ao bem-estar da população, tais como o trigo e o petróleo, vão encontrar dificuldades crescentes, na medida em que aumentarem as exigências dos países fornecedores e for cortado o crédito à importação.

Durante a entrevista que concedeu sentado numa das poltronas do seu escritório na residência de Copacabana, Gudin levantou-se apoiado em um dos seus netos, especialmente para cumprimentar o senador Roberto Campos, com quem acabou mantendo uma conversa de dez minutos sobre acontecimentos históricos na Europa, em particular na França, onde estudou quando jovem. O economista citou diversos nomes de figuras históricas de quem o próprio senador não conseguia lembrar-se, levando Campos a elo-

giar sua memória prodigiosa. O senador do PDS retirou-se da sala assim que Gudin comentou a pergunta de um repórter sobre a situação econômica. "O entrevistado é você", disse Campos, sorrindo.

Ao comentar uma afirmação de sua esposa, d. Violeta, de que "o presidente Castelo Branco foi a única pessoa que nunca o decepcionou", Gudin disse que "Castelo e Rodrigues Alves foram os únicos verdadeiros estadistas como presidentes". Recordou ainda os nomes de Prudente de Moraes, Campos Salles e de Café Filho, em cujo governo foi ministro da Fazenda, no período 1954/1955, como homens públicos que mereceram a sua admiração. "Principalmente no aspecto moral", completou. Para ele, está ocorrendo uma deterioração dos padrões morais no Brasil e lembrou a respeito "a carta do marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da República, pedindo 150 mil réis emprestados ao irmão, porque, apesar do cargo de presidente, não tinha dinheiro".

PADRÃO DE VIDA

Eugênio Gudin acentuou ainda que quaisquer medidas de saneamento da economia brasileira terão que rebaixar o nível de vida da população. "O padrão de vida terá de cair. Se não podemos importar trigo para fazer o pão, teremos de comer alpim ou broa de milho. Que mal há nisso?" E continuou: "Eu mesmo já baixei o meu padrão de vida. Troquei até o meu galaxie por um carro mais econômico, diante da alta do preço da gasolina".

Gudin — que também é engenheiro — criticou de maneira contundente "a loucura de diversos empreendimentos". Um dos seus exemplos foi o da Ferrovia do Aço. "Para que, se já existe a Central do Brasil?" Segundo ele, a construção daquela Ferrovia foi inteiramente desnecessária, inclusive pelo que qualificou de "luxo extraordinário", além de "condições técnicas deficientes".

Para Eugênio Gudin, se perdurar a atual orientação da política econômica do País, não haverá saída. "Continuaremos sendo um País de segundo ou terceiro grau", concluiu.